

## Considerações Culturais sobre Cultura e Valor de Wittgenstein

**Rogério Burkot Pietroski**  
Mestrando em Filosofia da PUC-PR

### Introdução

Este livro é escrito para os que compartilham do espírito que preside à sua escrita. Este não é, segundo creio, o espírito da corrente mais importante da civilização americana e européia. O espírito desta civilização manifesta-se na indústria, na arquitetura e na música do nosso tempo, no seu fascismo e no seu socialismo, e é estranho e desagradável ao autor (WITTGENSTEIN, *Cultura e Valor*, p. 19).

A obra *Cultura e Valor* de Wittgenstein reúne, ao longo dos anos de 1914 a 1951, as notas escritas pelo filósofo vienense, dispondo de uma organização cronológica versada sobre temas como religião, arte e cultura. O responsável pela compilação dos aforismas desta obra foi o seu sucessor na cátedra de filosofia em Cambridge, von Wright. Wright utilizou como critério de seleção o destaque daquelas de relevância filosófica, excluindo assim as que apresentavam teor puramente pessoal. A possibilidade de uma filosofia da cultura em Wittgenstein desprende-se da reflexão acerca das considerações culturais de *Cultura e Valor*.

As observações culturais de Wittgenstein sugerem uma discussão sobre a condição cultural contemporânea. Diferentemente do *Tractatus Logico-Philosophicus* e das *Investigações Filosóficas*, *Cultura e Valor* não foi a principal preocupação de seu trabalho filosófico. Porém, isto não a limita enquanto uma pretensa filosofia da cultura. As apreciações culturais destas notas disponibilizam uma chave essencial para compreender o núcleo lógico, ou gramatical, da filosofia wittgensteiniana e um referencial filosófico para discutir o modelo cultural adotado pela civilização ocidental.

Podemos perceber que a convivência do autor de *Cultura e Valor* com o contexto cultural da Viena sécs. XIX-XX (*Viena fin de siècle*), determinou o que identificamos como um *páthos catastrófico*. Fato percebido pela referência quando este se reporta nostalgicamente, num aforismo, ao século passado. “Meu próprio pensamento sobre a arte e os valores é mais desiludido do que poderia ser aquele dos homens de há cem anos” (WITTGENSTEIN, *Cultura e Valor*, p. 116). Aqui parece surgir uma insatisfação com a pobreza cultural da geração contemporânea.

Tal nostalgia ao período cultural da Viena se deve, também, as influências que configuraram o pensamento de Wittgenstein. Ele mesmo reconhece a influência de autores como: “*Boltzmann, Hertz, Schopenhauer, Frege, Russell, Kraus, Loos, Weininger, Spengler e Sraffa*” (WITTGENSTEIN, *Cultura e Valor*, p. 36). Sobre essas influências, chamamos a atenção para a contribuição de Oswald Spengler que, durante o desenvolvimento deste artigo, destacaremos, em específico, *a separação entre fato e valor na filosofia da cultura, a diferença conceitual entre cultura e civilização e o ideal do progresso como fenômeno civilizacional*. Para o momento, atentaremos à noção de *decadência* na análise da civilização contemporânea. Sobre isto, surge-nos uma dúvida: não seria esta idéia de *decadência* que colaborou na perspectiva de um declínio cultural para Wittgenstein, isto é, este *páthos catastrófico* referido no parágrafo anterior?

Acreditamos que uma filosofia da cultura se mostra com potencial em *Cultura e Valor*. Mas para tanto, devemos fundamentar a extensão filosófica destas notas como continuação do pensamento wittgensteiniano. A fim disto, faz-se necessário descobrir o elemento intrínseco continuador que ligaria as observações culturais com os demais trabalhos do filósofo. O próprio von Wright acreditava na existência de um princípio que relacionaria essas análises filosóficas, visto que, no *Symposium* de Kirchberg demonstrou interesse pelas teses que emergiam desses aforismas.

Em outro *Symposium*, mas agora em Lisboa, Rudolf Haller indica que as idéias de *jogos de linguagem e seguir uma regra*, conceitos-chave da filosofia das *Investigações Filosóficas*, estão relacionadas com os aforismos. Contudo, estes conceitos precisam ser lidos pelo contexto da estrutura conceitual subjacente à obra de Spengler para revelar o vínculo.

Quando analisamos o trabalho de Spengler em comparação com a filosofia de Wittgenstein, ocorre uma aproximação do método spengleriano de uma “morfologia comparada” com a idéia de “*jogos de linguagem*”. Segundo a tese de Haller, “a técnica dos jogos de linguagem é inspirada na concepção da morfologia comparada de Spengler”(LOURENÇO, M. S.: *Gênese e Vocabulário da Filosofia da Cultura de Wittgenstein*, p. 36) Este método histórico de Spengler identifica que a história acompanha um ciclo orgânico. Isto é, ao atingir determinada sociedade o grau de civilização, esta iniciaria o processo de decadência, a qual se precede das fases de juventude, crescimento e florescência. O autor defende que o fim das civilizações antigas, como o caso da egípcia e da romana, serviria para prever o destino de todas as civilizações.

A relação existente entre a *morfologia comparada* e *jogos de linguagem* pode ser pensada a partir da noção de *semelhanças de família*. Quando Wittgenstein em *Cultura e Valor* critica o método de Spengler como doutrina, este sugere que o método ficaria mais coerente, ou melhor, evitaria o risco de um sistema enrijecido, se substituísse tal expressão por “ares de família”. “*Spengler poderia ser melhor compreendido se dissesse: Comparo diferentes épocas culturais à vida das famílias*”(WITTGENSTEIN, *Cultura e Valor*, p. 30).

Outro fator importante que identifica *Cultura e Valor* como extensão da filosofia wittgensteiniana, refere-se a uma concepção *anti-iluminista* e sua relação com a *lógica-gramatical* das *Investigações*. No *Esboço de um Prefácio*, Wittgenstein deixa clara a sua posição sobre as civilizações americana e européia. O desenvolvimento massificante alcançado pelas indústrias, pela arquitetura e pela música do século XX são sinais da decadência para o pensador. Todos esses avanços são frutos dos ideais guiados pelo racionalismo do período iluminista, e este racionalismo foi adotado pelo *positivismo* de Comte e pelo *Círculo de Viena*. De acordo com esta corrente de pensamento racionalista, o *progresso* é consequência da emancipação do homem das amarras supersticiosas da Idade Média. Já para Spengler, o *progresso* surge quando se instala uma civilização e, conseqüentemente, o declínio cultural. O pensamento spengleriano sobre a decadência sugere uma relação com os aforismas de *Cultura e Valor*, os quais parecem estar dirigidos por

uma filosofia enquanto terapia. Tal terapia seria um esclarecimento gramatical dos problemas gerados pela cultura racionalista.

Enfim, estas considerações, a partir de *Cultura e Valor*, pretendem discutir alguns aspectos culturais da Viena do final do século XIX e início do século XX que permeiam o pensamento de Wittgenstein.

### **Cultura e Valor como extensão da filosofia wittgensteiniana**

A obra *Cultura e Valor* de Wittgenstein parece um trabalho desprezível ao apresentar temáticas sobre cultura, arte e religião. Não seria estranho se alguém a identificasse como um estudo marginal da filosofia wittgensteiniana, fato este, que seria justificado ao desconsiderá-la como extensão do programa filosófico de Wittgenstein. Mas ousemos avançar um pouco mais à frente desta impressão que a rebaixa a um simples capricho intelectual. Os aforismas são de suma importância para compreender o princípio continuador da reflexão do filósofo vienense. O que dirigirá a nossa análise acerca destas notas de Wittgenstein, não está no simples entendimento de que estas sejam juízos de valor pertencentes a uma mente inquieta, e sim, no fato de serem parte integrante desta filosofia wittgensteiniana.

O elemento continuador que se mostra comum, embora não de modo explícito, nos textos filosóficos do pensador vienense é a dimensão ética, caracterizada como núcleo irredutível do programa filosófico de Wittgenstein. Mas como entender a atitude ética em Wittgenstein? Para encontrarmos a solução, primeiro precisamos recorrer ao *Tractatus Logico-Philosophicus* na proposição 4.1212 acerca do silêncio: “O que pode ser mostrado não pode ser dito”. O limite do inteligível é o mundo. Apenas podemos conhecer e conseqüentemente dizer aquilo que está acessível à sensibilidade. Assim, a intenção ética se mostra no *Tractatus* como uma consciência dos limites do inteligível e da impossibilidade de dizer o que está fora do mundo.

Com base nisto, posteriormente, como produto de uma revisão do papel da filosofia bem como do *atomismo lingüístico* do

seu primeiro trabalho, as *Investigações Filosóficas* em sua inversão lingüística, estabelecem o limite do inteligível enquanto dimensão do significante. O significado está determinado pelo contexto em que as coisas são dadas. A condição para compreender o que significa determinado objeto é a participação nas regras gramaticais próprias daquele *jogo de linguagem*. Diferentemente do *Tractatus* com a *forma do silêncio*, as *Investigações* não excluem a possibilidade de temas como: cultura, religião e ética. A revisão filosófica de Wittgenstein preserva a dimensão ética, porém a *forma do silêncio* se caracteriza como uma resistência ao uso da metafísica como tradicionalmente foi utilizada. Esta metafísica tem responsabilidade pela criação de pseudos-problemas filosóficos que são responsáveis por alguns dramas da humanidade, como a idéia do dualismo (mente e corpo). Assim o papel da filosofia é desfazer, como em um método autofágico, aquilo que a filosofia produziu pelo instrumento da metafísica. Entretanto, não consideramos Wittgenstein como um autor *anti-metafísico*, e sim como um autor *pós-metafísico*, pois o problema não está na metafísica, mas no que ela gerou: o desencajamento do indivíduo com as coisas do mundo.

Wittgenstein tenta resgatar o valor da linguagem ordinária por meio de um esclarecimento gramatical dado pela *apresentação perspicua*. Ao enfocar o papel do cotidiano para a linguagem, o filósofo critica a atitude desencajada da corrente racionalista. O racionalismo, no uso da metafísica como tradicionalmente foi entendida, motivou o iluminismo no seu desejo de emancipação.

Os iluministas acreditavam que, pelo instrumento da razão, livrar-se-iam das amarras supersticiosas da herança medieval. O racionalismo, segundo suas intenções, conduziria a humanidade a um *progresso* linear atingindo com isso o mais alto grau de desenvolvimento. Sobre este *progresso*, o antropólogo Oswald Spengler, descreve como o princípio da *decadência*.

De acordo como a *Decadência do Ocidente* de Spengler, o *progresso* inicia o fenômeno da civilização e a *decadência* da cultura. O método histórico spengleriano de uma *morfologia comparada* identifica ao longo da história o irreversível declínio de todas as civilizações. A civilização ocidental, assim como aconteceu com a civilização egípcia e romana, entrou em decadência com o anúncio do *progresso*.

A noção de *decadência* de Spengler influenciou o pensamento de Wittgenstein na sua forma de *ver aspectos* em relação à cultura. Assim a obra *Cultura e Valor* tem que ser lida a partir da estrutura gramatical de *A Decadência do Ocidente*. Essa estrutura traz o método de uma *morfologia comparada* que parece ter influenciado a idéia de *jogos de linguagem* das *Investigações* quando olhada com o aforismo de 1930 na proposta de *semelhanças de família*. Com isso, as notas sobre cultura, arte e religião dos anos de 1914 a 1951 participam do núcleo ético do programa filosófico de Wittgenstein enquanto crítica ao modelo de cultura contemporâneo a partir de um *ver como/perspectiva*.

### **A influência de Spengler no pensamento de Wittgenstein**

Não creio ter alguma vez *inventado* uma linha de pensamento, tirei-a sempre de outra pessoa qualquer (...). Foi assim que me influenciaram Boltzmann, Hertz, Schopenhauer, Frege, Russell, Kraus, Loos, Weininger, Spengler e Sraffa. (WITTGENSTEIN, *Cultura e Valor*, p. 36).

A influência de Spengler sobre o estudo de Wittgenstein decorre basicamente das teses que derivaram a sua filosofia como: 1) a separação entre *facto e valor na filosofia da cultura*; 2) a *diferenciação conceptual entre cultura e civilização*; e, 3) o *ideal do progresso como fenômeno civilizacional*.

O evento da *civilização moderna* trouxe a indústria, a arte e a política que presenciamos atualmente, os quais estão carregados de culpa pela dissolução mais profunda da cultura. Wittgenstein e Spengler comungam da expressão que encara a cultura como a aquela aonde traz o lugar do indivíduo determinado pela coletividade “*e os fins que o sujeito cultural pretende alcançar são idênticos aos fins da organização coletiva em que se insere*”(WITTGENSTEIN, L.:*Cultura e Valor*, p. 47).

A originalidade da filosofia de Wittgenstein deve-se em parte ao estímulo intelectual provocado por grandes pensadores, como o caso da influência exercida por Oswald Spengler. A publicação de *A Decadência do Ocidente* inspirou o “*páthos catastrófico*” de Wittgenstein (PRADO JUNIOR, B.: *Algumas Observações sobre as Vermischte Bemerkunge*, p. 13), encontrado em suas considerações culturais. Entretanto, esta perspectiva de uma

cultura decadente só seria compreendida se o leitor comungasse do mesmo sentimento pessimista frente à cultura contemporânea.

### **A noção de decadência para Wittgenstein**

O meu próprio pensamento sobre a arte e os valores é muito mais desiludido do que teria sido *possível* aos homens de há 100 anos. Todavia, tal não quer dizer que seja mais correto por causa disso. Significa apenas que, no primeiro plano do meu espírito tenho exemplos de degeneração, que no deles não estavam presentes. WITTGENSTEIN, L. (*Cultura e Valor*, p. 117).

O conceito dos aforismas está influenciado pela noção de *decadência* da cultura. Isto se deve em parte, pela leitura de Spengler, cujo em a *Decadência do Ocidente* apresenta, através de seu método de uma *morfologia comparada*, o estado de civilização das sociedades como o momento de irreversível declínio. Para a cultura, à medida que o progresso, no uso do intelecto dos homens, avança para o grau mais elevado de desenvolvimento, em proporções, abandona o cuidado com o que é próprio da alma humana. Assim, a fim de compreender este conceito para Wittgenstein precisamos analisar dois fatores: a tardia publicação de *Cultura e Valor* e a associação acrítica do nome de Wittgenstein com o positivismo do *Círculo de Viena*.

O conteúdo de *Cultura e Valor* está influenciado pela revisão filosófica que Wittgenstein fez em relação ao modelo tradicional de pensar a filosofia. Anteriormente, no *Tractatus Logico-Philosophicus*, o estudo estava concentrado na busca por um método que resolvesse os problemas da filosofia. Problemas esses, causados pelo mau entendimento lógico subjacente da linguagem. Aqui não estava em discussão se tal proposição é falsa ou verdadeira, mas especificada nos contra-sensos lingüísticos. A filosofia da *Tractatus Logico-Philosophicus* comporta-se como ciência na procura de um método, o qual, segundo esta primeira impressão, demarca o campo possível do inteligível. Apenas pode ser acessado pelo conhecimento o que se insere no contexto sensível, sendo que fora desta realidade concreta, deparamo-nos como o limite do mundo. Por isso, não é possível pensar os aforismas wittgensteinianos a partir do método científico tractatuniano, pois

essa sistematização metodológica comunga da expectativa da corrente positivista do *Círculo de Viena*.

Para existir uma postura cultural no pensador vienense deve ocorrer uma revisão no papel da filosofia. As “*Investigações Filosóficas*” oportunizam a discussão de temas que antes, segundo o TLP, não podiam. Agora, não há mais um método filosófico. A filosofia não pode acrescentar algum conhecimento. O trabalho filosófico restringe-se a *apresentação perspicua*, isto é, o esclarecimento do discurso com fins de empregá-lo no uso da linguagem ordinária. Portanto, a publicação tardia de *Cultura e Valor* por von Wright se deve ao advento das *Investigações Filosóficas*, a qual sem as luzes desta última a extensão filosófica ficaria limitada ao autor.

Ao contrário do primeiro trabalho, as *Investigações Filosóficas* evita uma sistematização metodológica ansiada pelo *Círculo de Viena*. O positivismo de Comte e o *Círculo de Viena* têm em comum uma percepção da história que se caracteriza por uma necessidade, tanto lógica quando gradativa, da noção de *progresso*. Entretanto, com a separação entre *fato* e *valor* e o diagnóstico spengleriano do declínio da civilização ocidental, a idéia de *decadência* não se limita a um conceito, mas por ser um fato biológico. Com isso, a associação acrítica de Wittgenstein para com os seus contemporâneos positivistas, manifesta uma experiência da *decadência cultural* no fato de que o termo *progresso* pertence ao domínio da civilização.

#### **A separação entre fato e valor na filosofia da cultura**

A idéia de progresso, entendido por um desenvolvimento contínuo defendido pelo *Círculo de Viena*, foi afetada pelas condições desfavoráveis provocadas pelas guerras mundiais do século XX, o qual gerou uma desconfiança na proposta positivista e uma revisão da noção de *decadência* enquanto *fato* e *valor* para a filosofia da cultura. Para entender a condição de *decadência* se deve abandonar uma concepção por meio de algum *juízo de valor* e aceitar o *fato biológico* do declínio. A intencionalidade positivista de levar a humanidade para uma emancipação, motivada pelos ideais iluministas, no uso de uma racionalidade libertadora, não condisse com a realidade concreta em relação as suas expectativas. Isto

porque, não é possível manipular o meio a fim de evitar a sua degenerescência.

A conjuntura do mundo não foi favorável para a esperança de um progresso linear. O advento da primeira guerra marcou negativamente a ideologia progressista, o qual gerou expressões na literatura de Karl Kraus e na filosofia de Spengler. Ambos, Kraus e Spengler, tiveram grande influência na filosofia wittgensteiniana como é verificado em *Cultura e Valor*:

A aplicação do termo *decadência* com conotação biológica inaugura uma nova perspectiva de leitura dos fenômenos contemporâneos. A lógica progressista não pode concretizar o seu ideal tendo o fato que uma “sociedade não é livre de escolher a sua constante juventude, uma vez que a idade e a degenerescência não se podem abolir por meio de instituições sociais”(LOURENÇO, M. S.: *Gênese e Vocabulário da Filosofia da Cultura de Wittgenstein*, p. 43). Esta inovação influenciou Spengler no desenvolvimento de sua obra “*A decadência do Ocidente*”.

Apoiado pela leitura de Spengler, Wittgenstein entende que o progresso se desenvolve em um ritmo de sucessão de estruturas cada vez mais complexas promovidas pelo acúmulo de conhecimento. À medida que, os avanços tecnológicos passam a conquistar um espaço maior, é constatada a incidência proporcional do grau de civilização. A participação nesta realidade é rejeitada pelo filósofo, o qual assume uma postura de *aussenseiter* (auto-excluído) em relação à *weltanschauung* dominante.

#### **A idéia de progresso de Spengler como diferença conceitual entre cultura e civilização**

Para entendermos a idéia de *progresso* para Spengler, precisamos verificar como esta se caracteriza no problema da civilização e como este último, constitui-se no fim de uma cultura. Ele acredita que o espírito da cultura não pode ser passado a outra cultura e o que virá no futuro é somente o período de irreversível declínio. “Spengler acreditava que uma civilização é uma cultura atrofiada. Quando uma cultura declina, aquilo que era um organismo vivo enrijece numa estrutura morta e mecânica” (MONK, *Wittgenstein: o dever do gênio*, p. 273).

O problema da atual civilização é a situação de decadência, o qual ocorre no processo de edificação de uma sociedade como império. Cada cultura promove a sua própria civilização, ou seja, o destino de cada cultura é transformar-se em uma civilização. O processo evolutivo de uma sociedade conduz a civilização ao estado mais extremo de que a humanidade pode chegar. Se olharmos para a história antiga, perceberemos exemplos como o caso dos gregos e romanos. A cultura grega influenciou em vários aspectos o império romano, porém a sociedade romana, atingindo proporções imperiais, abandonou a *alma* da cultura para se dedicar ao *intelecto* da civilização. Ocorreu assim, a passagem da cultura à civilização, o que sucede novamente, para a civilização ocidental, durante o século XIX. Fato este, comprova-se nos grandes centros urbanos, cujas metrópoles parecem se excluir da condição de povo ganhando característica de massa, as quais hostilizam a própria cultura.

Quando um povo, no seu processo evolutivo, culmina em civilização se inicia a fase de decadência. O exemplo do parágrafo anterior do império romano causa estranheza ao considerar um período decadente no que concerne historicamente a expansão territorial conquistada por eles. Entretanto, o domínio exercido por Roma em relação ao mundo é negativo. A tendência de expandir territórios dominados é uma fatalidade para a própria identidade do império. Aliás, podemos concordar com a afirmação de que os romanos conquistaram o mundo conhecido da época? Acredito que existia um espólio que estava à mercê de quem chegasse primeiro. Se fosse proposto encontrar um símbolo para o final da cultura nada seria mais conveniente que a imagem de um império. Assim como na idade clássica, na qual houve grupos que resistiram à dinâmica das campanhas militares, também ocorreu resistência. Na contemporaneidade, o interesse primitivo de grupos socialistas estava voltado para investir forças contra a expansão do capitalismo. No entanto, a própria realidade do mundo bipolar fez com o interesse destes grupos de investir vigorosamente contra este modelo econômico se torne o ideal disseminado na conquista de aliados para o bloco socialista. Existiria então possibilidade, a partir disto, de identificar um *progresso* como entendido e defendido pela corrente de pensamento positivista?

Com base no problema da civilização diagnosticado como início da *decadência*, podemos compreender que o *progresso* para

Spengler conduz o processo gradativo de expansão da sociedade. Ao atingir o cume desta expansão enquanto domínio, adquirindo o grau de um imperialismo, a civilização começa o *declínio*. Em relação à cultura, a própria condição de civilização marca o encerramento de seu desenvolvimento. O nível mais alto de progresso celebrado pela história universal do ocidente ocorreu no século XIX e XX, na qual a própria cultura se encontra na fase de velhice.

### **O ideal de progresso como fenômeno civilizacional a partir da crítica a Spencer**

A interpretação do conceito de *progresso* pela corrente de pensamento positivista foi alvo de críticas por conceber que o desenvolvimento ocorre em um crescimento gradual. Esta compreensão é conseqüência da tentativa de Comte de ontologizar a teoria do *progresso*, a qual foi motivada pela leitura análoga ao princípio de causalidade do empirismo radical. Apenas com Hebert Spencer surge uma análise conceitual detalhada. Porém, o valor lógico da teoria de Spencer não se sustenta quanto às considerações sobre o *valor teleológico de sobrevivência* e a *inferência do fato de sobrevivência para o valor de sobrevivência*.

Spencer determina a idéia de progresso pelo crivo de dois postulados básicos: *postulado da diferenciação e o postulado da integração*. Por primeiro, o grau de desenvolvimento de um sistema consiste na quantidade de subsistemas. Em seguida, o nível de desenvolvimento de um sistema acontece na quantidade de relação entre estes subsistemas. Assim, para entender a filosofia evolucionista spenceriana deveremos interpretar a lei do progresso orgânico. Esta lei assegura que há a passagem de um estágio homogêneo do sistema para um heterogêneo. Isto ocorre porque o primeiro postulado decompõe o conceito em subitens, caracterizando-o em especialidades distintas, ou seja, a transformação de uma leitura que a princípio identifica um sistema homogêneo se modifica para um heterogêneo. Mas que para a apreensão de seu sentido também se utiliza o segundo postulado. Pode-se então concluir que não existe *progresso* orgânico se inexistir a mudança de um sistema homogêneo para um heterogêneo.

Tendo fracassada a intenção de justificar o *progresso* como condição da evolução humana, entendendo este último pelo conceito

positivista, desvela-se o problema da civilização. O racionalismo, adotado pelo positivismo, criou uma ilusão de *progresso*, devido a perspectiva desprendida do mundo. Esta perspectiva se fundamenta pela *ontologização do procedimento racional*.

### **Morfologia Comparada e sua relação como jogos de linguagem na idéia de “semelhanças de família”**

O método de Spengler de uma ‘morfologia comparada’ para a análise da história, parece inspirar a noção de jogos de linguagem. “A doutrina dos jogos de linguagem das Investigações Filosóficas se pode considerar como sendo derivada de A Decadência do Ocidente”(LOURENÇO, M. S.: *Gênese e Vocabulário da Filosofia da Cultura de Wittgenstein*, p. 36). A idéia de ‘jogos de linguagem’ como tradicionalmente foi entendida, estabelece os parâmetros lingüísticos do significante, isto é, o significado só é possível se determinado por regras gramaticais. Já a ‘morfologia comparada’ de Spengler, também configura os critérios esclarecedores dos limites da história universal.

Eis o que falta ao pensador ocidental e o que não deveria faltar justamente a ele: a compreensão da natureza histórico-relativa das suas conclusões, que não passam da expressão de um modo singular de ser, e somente dele. O pensador ocidental carece do conhecimento dos inevitáveis limites que restringem a validade das suas afirmações (SPENGLER, O.: *A decadência do Ocidente*, p. 41).

Ambos, Spengler e Wittgenstein, consideram o problema do dogmatismo e do relativismo das conclusões que envolvem o conhecimento humano. Embora, Wittgenstein reconheça que Spengler obteria mais sucesso se utilizasse a expressão *ar de família* na compreensão entre diferentes períodos culturais. Faremos uma breve incursão sobre alguns aspectos importantes do conceito de *morfologia comparada* e como este, pode ter inspirado *jogos de linguagem*.

### **Morfologia Comparada**

O método de uma *morfologia comparativo* consiste na superação da historiografia tradicional, substituindo-a pela possibilidade de reconstruir as épocas anteriores por meio de suas conexões morfológicas. Esse método analisa as diferentes transformações que ocorreram ao longo da história, de forma a perceber a existência de um ciclo biológico.

Spengler inspirado por aquilo que Goethe chamou de uma *natureza viva* relacionou como o que poderia qualificar de uma *História Universal*. A idéia de identificar a história como um organismo vivo contrapõem a imagem de um mundo como mecanismo, o qual este último desconsidera a lógica orgânica para ser dirigido por um engendramento de causalidades. A história entendida pelo modelo vitalista, está distribuída por fases como: juventude, crescimento, florescência e declínio. Estaria assim o percurso de desenvolvimento humano condicionado ao declínio? Ao observarmos a história antiga verificamos tal fenômeno vital no processo de origem até o fim, ilustrado por momentos de glória e por último de profunda crise.

A civilização ocidental contemporânea, compreendida entre os anos de 1800 a 2000, através de um estudo comparativo, revelaria semelhanças orgânicas com o período greco-romano. De modo especial, na passagem da cultura grega para o imperialismo romano. Para entender isso, o evento das guerras mundiais oportuniza alguns elementos comparativos em relação à transição do helenismo para a romanização. O interesse de expandir território, dominar e se impor como império são características próprias do momento civilizacional.

As *interpretações unilaterais* da história antiga produziram um conhecimento parcial e sem profundidade. Essencialmente a leitura da antiguidade foi dirigida por economistas, políticos e juristas que encaram o desenvolvimento histórico a partir de um dogmatismo. Em contrapartida, poetas, filólogos, filósofos reportam-se a antiguidade como uma referência para criticar o modelo *progressista*.

Spengler determina o caráter *vitalista* em sua filosofia. As culturas, segundo ele, são entendidas como organismos, realizando assim o percurso que segue da idade do granito, a idade do cristal, a idade do cobre até o fim com a idade da planta. Para ele “o sentido do termo decadência é dado justamente pela circunstância de que cada cultura se dirige necessariamente para o momento da sua

realidade terminal (...)”(LOURENÇO, M. S.: *Gênese e Vocabulário da Filosofia da Cultura de Wittgenstein*, p. 45).

### **Semelhanças de família**

A idéia de *semelhanças de família* que Wittgenstein sugere ao analisar a noção de *morfologia comparada* de Spengler, alude aos *jogos de linguagem* das *Investigações Filosóficas*. A reflexão sobre *semelhanças* está orientada na existência de ‘conexões’ entre os diferentes *jogos de linguagem*. Embora os *jogos de linguagem* sejam compostos por características próprias reguladas pelo seguimento de regras, estes não eliminam a identidade que o integra a uma *forma de vida*. Uma *forma de vida* determina elementos comuns que oferecem as possibilidades de *ver conexões*.

O importante em destacar na observação wittgensteiniana sobre *semelhanças de família* é o combate que se estabelece contra o objetivismo e o universalismo da tendência do pensamento positivista. Contrasta com esses últimos o caráter *inobjetável* das *Investigações Filosóficas*. O estilo das *Investigações Filosóficas* evita a dogmatização, permitindo ao leitor as suas próprias conclusões referentes ao exemplo que fora apresentado. Ao falarmos do caráter *inobjetável* do método wittgensteiniano, poderíamos nos questionar acerca das apreciações sobre cultura, arte e religião, as quais nos levam a acreditar que sejam *juízos de valor*. Contudo, Wittgenstein adverte em *Esboço de um Prefácio* da *Vermischte Bemerkungen* dizendo: “Não se trata de juízo de valor”. (WITTGENSTEIN, *Cultura e Valor*, p. 20). A partir disto, cabe-nos o desafio de entender a solução para esse aparente paradoxo, o qual Prado Junior ao comentar sugere um possível problema: “Wittgenstein se explica, mas, pelo menos aparentemente, parece mergulhar-nos em plena aporia”. Qual seria a resposta para dissolver a questão da incompatibilidade do estilo *inobjetável* na *Vermischte Bemerkungen*? É provável que a resposta resida na distinção feita, ainda no *Esboço de um Prefácio*, entre o “desaparecimento da cultura” com a idéia do valor humano.

A distinção entre o fim da cultura e a dimensão do valor humano, sendo a solução para o problema do caráter *inobjetável* de Wittgenstein, fica esclarecida quando olhada pela idéia de *jogos de linguagem*. Ou seja, os *jogos de linguagem* são entendidos como

regras que gerenciam determinadas situações que podem, ou não, mais tarde mudar. Para cada situação, existem regras equivalentes a finalidade que os participantes se propõem a assumir, mas isto não encerra as possibilidades de que em outro momento eles optem por outras regras, as quais por sua vez ditaram um novo *jogo de linguagem*. Com isso, o problema da inobjetividade é possível se refletida com base nos *jogos de linguagem*. Os aforismas de *Cultura e Valor* estão orientados pelos *jogos de linguagem* e, por isso, não constituem a forma dogmática e tão pouco a forma relativista.

### Conclusão

Enfim, tendo como base algumas semelhanças entre os '*jogos de linguagem*' e a '*morfologia comparada*', deduzimos que a influência spengleriana presente na cosmovisão de '*Cultura e Valor*' contribuiu em nossa suspeita de que a filosofia das *Investigações Filosóficas* determinou as características dos aforismas, cujo surgimento, destes últimos, partem das apreciações de Wittgenstein sobre cultura, arte e religião. Assim, as notas organizadas dos anos de 1914 a 1951 são extensões de sua filosofia e não caprichos intelectuais passíveis de serem entendidos como juízos de valor.

Embora concordemos, até certo ponto, com determinadas influências que Spengler possa ter ocasionado na filosofia de Wittgenstein, não asseguramos que o autor de "*A Decadência do Ocidente*", salvo algumas influências, seja fundamental para o pensamento wittgensteiniano, visto que se assim fizéssemos, comprometeríamos com algo improvável. Dar-nos-emos por satisfeito se esta observação acerca dos conceitos de '*morfologia comparada*' e '*jogos de linguagem*' puder contribuir na defesa do que pretendemos.

### Referências bibliográficas

LOURENÇO, M.S. *Gênese e Vocabulário da Filosofia da Cultura de Wittgenstein*. In: *Disputatio*, Volume Suplementar 1, 1998, pp. 34-49.

MONK, Ray. *Wittgenstein: o dever do gênio*. Trad. Carlos Afonso Malferrari. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1995.

PRADO JUNIOR, Bento. *Algumas Observações sobre as Vermischte Bemerkungen*; tradução Raquel de Almeida Prado. Dois pontos, Curitiba, São Carlos, vol. 3, n.1, p.11-36, abril, 2006.

SPENGLER, Oswald. *A decadência do Ocidente*. Trad. Hebert Caro. Rio de Janeiro – RJ: Zahar Editores, 1973.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Cultura e Valor*. Biblioteca de Filosofia Contemporânea. Trad. Jorge Mendes. Lisboa: Edições 70, 1980.

\_\_\_\_\_. *Tratado Lógico-Filosófico e Investigações Filosóficas*. Trad. de M. S. Lourenço Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2002.